

REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NO ENSINO DA ARTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID ARTES CÊNICAS

TATIANA DUARTE CUBA¹; FRANCINE DA SILVA LEMOS²; MANOEL GILDO
ALVES NETO³; MARIA FONSECA FALKEMBACH⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – tatianaduartecuba@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – francine_dancadruaj@hotmail.com;

³ Universidade Federal de Pelotas – manoelalvesrso@hotmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – mariafalkembach@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este relato de experiência aborda a importância da representatividade da mulher negra no ensino das artes. Para isso, recorreremos às nossas experiências formativas como iniciantes na docência em artes no currículo escolar, através do Programa institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID), sub-projeto Artes-Cênicas. Essa reflexão é impulsionada pela necessidade que sentimos de fomentar a nossa formação enquanto educadoras comprometidas com a educação anti-racista.

Sou Francine Lemos, comecei a estudar a dança em projetos sociais desenvolvidos pelo grupo Grupo Piratas de Rua, na cidade de Pelotas, por volta dos 14 anos de idade. Sou Tatiana Cuba, comecei a estudar teatro no projeto de extensão da UFPEL chamado quilombo das artes e foi este mesmo projeto que motivou minha entrada para o ensino superior. Somos jovens mulheres negras, acadêmicas dos Cursos de Dança e Teatro, respectivamente, e, ao atuar na escola, como bolsistas do PIBID-Artes Cênicas (UFPEL) percebemos a ausência de professoras negras no corpo docente da Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello. A partir, dessa observação, resolvemos criar nossa pergunta e tema de pesquisa: qual o papel da nossa representatividade enquanto mulher negra no ensino das artes?

2. METODOLOGIA

A partir de nossa pergunta, passamos a focar o tema da representatividade nas ações que desenvolvemos na escola, pois percebemos a falta de Professoras negras na escola onde atuamos, e isso nos fez nos questionar porque essa falta é constante. Também fizemos uma busca de textos sobre o tema. Para entendermos nossa representatividade neste contexto, buscamos referências que citam como a representatividade negra no campo das artes é essencial na sociedade em que vivemos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo a professora Amélia Vitória Conrado de Souza (2017), o ensino das artes tem sido afetado pela ausência das artes negras, a falta de representatividade ainda prevalece nos dias de hoje. A proposta da autora é mostrar como as artes negras contribuíram e seguem contribuindo no teatro e na dança, como nas outras áreas artísticas.

O texto da professora Amélia de Souza tem como intuito mostrar que o espaço acadêmico também serve para evidenciar a importância das demandas da comunidade negra, podendo contribuir para o aprendizado dos alunos. Mas, para chegar nestas questões, SOUZA (2017) traz fatos históricos sobre as Artes Negras, apontando que elas, por diversas vezes, são negligenciadas no currículo escolar.

Entendemos que um contexto social marcado pelo racismo, machismo e desigualdade social, reverbera no contexto escolar pela ausência de educadores comprometidos com a Educação Antirracista e Antimachista. Nesse, sentido, torna-se extremamente difícil e até doloroso assumir uma identidade racial não branca em nosso país.

Durante muito tempo o acesso à educação foi mais difícil para nós, mulheres negras, pois a maioria da população negra feminina ocupava lugares subalternos no mercado de trabalho, muitas vezes sem oportunidade de expressar sua identidade étnico-racial.

Para que as crianças negras conheçam os referenciais positivos e construam sua identidade racial, a escola necessita abordar de forma real e não estereotipada as questões raciais. O docente tem um papel fundamental nesse processo, quando possibilita meios para que as crianças negras elevem sua autoestima. Cabe a nós como mulheres negras, estudantes da universidade, graduandas de licenciaturas, destacar a importância da representatividade nesses ambientes educativos, onde alunas e alunos precisam conhecer referências negras positivas.

É importante para as Artes Cênicas que corpos diversos estejam incluídos no processo educativo, para que se consiga combater o preconceito. Além disso, é obrigação da escola trabalhar conteúdos ligados a efetivação da LDB 11.645/08, que institui o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na Educação Básica.

Historicamente percebemos a falta de representatividade da mulher negra na docência. Segundo a professora Arlete Oliveira dos Santos (2009), as mulheres negras são as que mais trabalham como domésticas e que, infelizmente, são as que menos tem chances no mercado de trabalho. Ainda hoje há diferença entre mulheres brancas e mulheres negras: hoje não se pode mais explorar o trabalho como no período escravocrata, mas ainda se encontram mulheres negras que trabalham em mais de um serviço para poder sobreviver e/ou sustentar sua família, não muito diferente daquele período. Constatamos o quanto o mercado de trabalho é preconceituoso e não deposita credibilidade na mulher negra.

Conseguimos enxergar através da nossa atuação na docência o quanto crianças e adolescentes criam o sentimento de identificação, e não se sentem sozinhas quando encontram um professor(a) negro(a) entrando na sala de aula. Isso é muito visível, pois quando alunas da educação básica também

passamos pela experiência de processos de exclusão, recorrente do racismo encarnado na escola, racismo que, infelizmente, continua na Universidade.

Queremos, através dessas experiências pedagógicas quanto professoras de teatro e dança, mostrar para eles que além do direito ao acesso a serviços e bens públicos, todos são capazes de entrar em uma Universidade, arranjar um bom emprego e ocupar um cargo de poder, como qualquer outra pessoa.

Infelizmente, quando a arte é protagonizada por um corpo negro não recebe o seu devido valor. A desvalorização acaba invisibilizando o trabalho de negros(as), por muitas vezes, no meio artístico. Por isso a importância da representatividade nas artes ou em qualquer outra área é essencial. Nós mulheres, além de lutar contra o racismo também enfrentamos o machismo, que nos exclui ainda mais na sociedade.

Segundo a tese *Mulheres Negras e Educadoras: De amas-de-leite a professor* de Arlete dos Santos Oliveira (2009), nós, negros – principalmente mulheres negras – sempre estivemos em cargos nos quais, na maioria das vezes, somos submissos e raramente estamos na posição de chefes. Então, quando se encontra uma professora negra, isso causa um certo espanto na sociedade, pois dificilmente somos encontrados nesses espaços por conta do preconceito que ainda se tem. No período escravocrata, as mulheres exerciam diversas funções como costureiras, passadeiras, cozinheiras e amas-de-leite, funções que não eram muito valorizadas. Uma escrava realizava duas, três, quatro ou mais tarefas de acordo com a necessidade dos seus patrões, além disso eram responsáveis pelos cuidados das crianças – eram tratadas como “mãe preta”, pois eram elas que cuidavam e amamentavam (por isso o nome amas-de-leite). Além, disso, pessoas brancas e pobres às alugavam como lavadeiras e passadeiras. Ainda, muitas dessas mulheres eram viúvas e/ou mães solteiras e viviam no anonimato (OLIVEIRA, 2009).

4. CONCLUSÕES

Estudar numa licenciatura e atuar no PIBID foi uma das formas que encontramos para quebrar um pouco este preconceito. Nossa presença no colégio Sylvia Mello possibilita a construção de um outro olhar nessa escola que é, majoritariamente composta por professores(as) brancos. Como diz Oliveira (2009), felizmente evoluímos e hoje não ocupamos mais só cargos subalternos, e após muita luta conseguimos conquistar nosso espaço na sociedade masmo com tanto preconceito que ainda existe.



5.REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Arlete dos Santos. **Mulheres negras e educadoras: de amas-de-leite a professoras. Um estudo sobre a construção de identidades de**

mulheres negras na cidade de São Paulo. 2009. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

SOUZA, Amélia Vitória de. **Artes Cênicas Negras No Brasil: das memórias aos desafios na formação acadêmica.** Salvador 2017 revista Em Foco. Repertório, Salvador, ano 20, n 29, p.68-85 2017/2.